

Imperiosa transformação e o desafio do tempo

MAYON, Paulo. *“Imperiosa transformação e o desafio do tempo”*. Agência CanalEnergia. Rio de Janeiro, 24 de março de 2017.

O Setor Elétrico Brasileiro vive uma janela de oportunidade única de transformação. Algumas medidas importantíssimas foram implantadas ou estão em curso como a indenização dos ativos das empresas, a definição de receitas máximas para as transmissoras, a revisão ordinária ainda que tardia, da garantia física das usinas, a definição de um modelo de governança no que tange a formação dos preços da energia elétrica e o cancelamento do 2º. Leilão de Reserva de 2016. São ações que apesar de desagradarem pontualmente este ou aquele elo do setor, na prática conferem realismo na gestão e no planejamento da expansão da oferta de energia elétrica no Brasil. Tudo isso é “novo”, surpreendente, e muito positivo.

A verdade é que o futuro está batendo em nossa porta com a rápida expansão do número de consumidores livres de energia elétrica, que em breve se constituirão a maioria absoluta do consumo brasileiro. Esse enorme grupo determinará no dia a dia, de forma voluntária e racional, o melhor formato para a sua contratação de energia elétrica, para sua casa, comércio ou indústria. Nesse futuro, redes inteligentes, geração distribuída e em pouco tempo, carros elétricos rodando por aí, colocarão nas mãos do consumidor a oportunidade e responsabilidade de atuar como um agente “de fato” do Setor Elétrico. Um agente que oferece respostas diretas às flutuações do preço dessa commodity, e até à disponibilidade de transmissão da energia elétrica em bases horárias.

Utopia? Não. A direção já está definida. Mas para que isso ocorra, o maior desafio está nas mãos dos próprios agentes, por incrível que pareça. Apesar de muito experientes, fomos acostumados (ou mal-acostumados) com um funcionamento setorial em que o preço não induz a comportamentos eficientes do consumo, onde a falta de previsibilidade e transparência imobilizam o investimento, e o binômio intervencionismo e burocracia tornam difícil a inovação.

Queremos mercados abertos e dinâmicos; mais competição e liquidez; preços críveis e indutores de respostas adequadas do consumidor? Precisaremos então rever muitos conceitos. Fazem parte do nosso ambiente já há algum tempo, assimetrias de direitos e obrigações, muitos subsídios cruzados e principalmente vários contratos “legados” que precisarão receber tratamento adequado.

Essa transição do que temos hoje para esse “mundo novo” exigirá uma eficaz e competente coordenação institucional, muita serenidade, e sobretudo uma clareza muito grande de como encadear os passos a serem dados.

Será um desafio grande, pois o curto-prazo das bolsas de valores, emissões de títulos e estoque de dívidas, sempre pressionam as decisões dos agentes de toda a cadeia setorial para horizontes curtíssimos. Quase sempre ampliam-se os privilégios, aumentam as assimetrias e o “todo” sai perdendo.

Consenso, visão de futuro compartilhada e a definição de “como percorrer esse

caminho”, parece mesmo tarefa hercúlea. Sobretudo se não conseguirmos transformar a efêmera janela de oportunidade que temos à frente, em um tempo que fisicamente nos permita esse avanço.

Está posto o desafio. E ele é de todos nós.

Paulo Mayon é sócio da Compass Energia